

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

O MOVIMENTO DO ESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA URBANA NA PRAIA DE IRACEMA

Eduardo Rocha Lima (UFRJ)

O Movimento do Espaço: Uma Experiência Urbana na Praia de Iracema

Resumo:

Este artigo enfatiza o movimento de transformação do espaço ocorrido no processo de “revitalização urbana” pelo qual vem passando o bairro Praia de Iracema da cidade de Fortaleza. A análise se concentra na transformação do espaço na dimensão do seu cotidiano. As ações dos atores sociais que produzem e reproduzem o espaço na dinâmica do cotidiano do bairro serão relevadas neste texto, objetivando uma análise crítica dos projetos urbanos ditos de “revitalização” construída a partir da vida urbana ali encontrada, pela relação direta do corpo com o espaço. O “movimento lento” de transformação do espaço, gerado pelas ações sociais que no seu cotidiano se desenvolvem, servirá de base para a interpretação do seu “movimento veloz” decorrente da transformação espacial produzida pelas ações sociais hegemônicas oriundas das políticas urbanas de “Revitalização”.

Este texto se concentra no movimento de transformação do espaço do bairro Praia de Iracema da cidade de Fortaleza. Esta área da cidade, há cerca de 15 anos, vem sendo reestruturada por projetos urbanos ditos de “Revitalização Urbana”. A análise aqui desenvolvida se concentra na transformação espacial captada na dimensão do cotidiano deste espaço, na temporalidade do “homem lento” de Milton Santos.

Buscou-se atingir esta dimensão pela relação direta corpo-espaço, através do método experimental da “deriva urbana” resgatado dos escritos críticos da Internacional Situacionista¹ ao urbanismo não-participativo dos Modernistas.

Ações que Movimentam o Espaço

Desde o início da década de 90, o espaço do bairro Praia de Iracema da cidade de Fortaleza vem sendo transformado por projetos urbanos que se sucedem e buscam a revitalização de sua área e, conseqüentemente, de toda a zona central da cidade². O bairro característico de ocupação habitacional, a partir de então, transformou-se no principal ponto turístico e de visitação noturna da capital cearense.

Em 1992, a Prefeitura de Fortaleza construiu um calçadão na orla do bairro. Após esta intervenção, quase todas as edificações à beira-mar, assim como outras no interior do bairro, se transformaram em bares, boates e restaurantes. Em 1994, o Governo do Estado do Ceará revitalizou a Ponte dos Ingleses – píer do antigo porto de Fortaleza que ali funcionava – como a primeira etapa de um projeto urbano que culminaria com a inauguração, em 1999, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura locado em área de 30 000m² do interior do bairro. Em 2002, o Governo do Estado do Ceará lançou mais um projeto urbano, visando a construção do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras. Neste consta, além dos projetos arquitetônicos das edificações que compõem o Centro, as seguintes propostas: remoção da favela do Poço da Draga – comunidade habitacional que ocupa a área desde o início da ocupação do bairro; construção de um aterro hidráulico de 19 hectares na costa marítima da área da favela; e reestruturação viária da região, na qual está projetada uma nova avenida, que corta o bairro, além de alguns edifícios garagens locados nas vias que darão acesso ao novo Centro Multifuncional. (GONDIM, 2005; COSTA, 2003; SCHRAMM, 2001; SOUSA, 2006; ROCHA JR, 2000).

É neste bairro onde as políticas urbanas, que visam o crescimento econômico da capital e do estado, vêm investindo de maneira intensa na reestruturação do seu espaço em

busca da ascensão e promoção da cidade como pólo turístico do Nordeste brasileiro. Atualmente, observa-se este tipo de políticas urbanas em várias cidades do mundo. A economia globalizada se reflete nas gestões das grandes cidades, gerando intervenções urbanas que transformam trechos dos espaços citadinos em mercadorias para serem expostas no “mercado global” e consumidas por um “cliente-alvo”: o turista. Este processo econômico gera a necessidade de criação de uma imagem que exacerbe a visibilidade das cidades³, inserindo-as assim no acirrado contexto de competitividade pelo capital internacional (HARVEY, 2004). Fortaleza é mais uma cidade que tenta vender sua imagem no mercado mundial. Para isto acontecer, grandes investimentos públicos estão sendo feitos nas construções desses novos espaços urbanos, ficando a população local, principalmente a mais necessitada, reduzida à mera espectadora do espetáculo turístico⁴.

As áreas do espaço urbano, que, com o passar do tempo, foram perdendo suas funções comerciais – centros urbanos, regiões portuárias, áreas industriais – tornaram-se o local ideal para as gestões urbanas com interesses em captar recursos da economia global. Arquitetos urbanistas projetam para estas áreas novos equipamentos e novas funções, geralmente acompanhados de um forte poder imagético, que proporcionam o “retorno” destes espaços revitalizados como âncora econômica de um projeto político bem mais amplo⁵ (HARVEY, 2004). Este desmesurado interesse no capital global e a conseqüente mercantilização do espaço urbano acarreta sérios conflitos na vida local. A valorização imobiliária do solo urbano revitalizado ocasiona o “enobrecimento” do espaço e expulsa grande parte da população residente nestas áreas (gentrificação), a qual é responsável pela construção cotidiana destes espaços e pela vida que nele se desenvolve, atribuindo-o sentido e significado. Os motivos econômicos e capitalistas das políticas hegemônicas de revitalização ignoram a construção da cidade como obra de uma história social.

Para Henri Lefebvre, a cidade é obra das relações sociais. Este autor considera que existem duas dimensões das relações sociais e que a cidade se situa num meio termo entre elas: ordem distante e ordem próxima. Como ordem distante ele considera as relações sociais que estão em um nível “superior”, dotado de poderes e regidos por grandes instituições (Estado, Igreja); e como Ordem próxima ele classifica as relações interpessoais, diretas, sem intermediação de poder e construídas no cotidiano urbano. Portanto, segundo Lefebvre, os processos de transformação urbana, que priorizam a reprodução econômica do espaço e menosprezam os valores e significados atribuídos a este pelo seu uso cotidiano, estariam negando a constituição destes como obra das relações sociais e afirmando-o como

produto das relações de mercado. “A própria cidade é uma *obra*, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca” (LEFEBVRE, 2001).

Com as parcerias público-privado travadas para executar os projetos urbanos atuais, interesses privados passam a gerir os espaços públicos urbanos, inserindo estes em uma voraz economia de mercado. O valor de troca atribuído aos espaços revitalizados, transformando-lhes em produtos para a comercialização, suplanta e ignora a existência do seu valor de uso, que é elaborado por sua apropriação no tempo e que o constitui como uma obra repleta de significados que transcendem a sua materialidade. O cidadão gerador da vida cotidiana destes espaços, quando não é expulso, tona-se mero espectador do “espetáculo urbano” que irá reestruturar o espaço de sua vida.

O espaço considerado “obra” das relações sociais gera a necessidade da percepção da diferença entre as ações dos grupos sociais e o resultado destas ações. Uma distinção sem separação. É por esta diferença que Lefebvre distingue o “urbano” e a “cidade”. O “urbano” como sendo a realidade social, e a “cidade” a realidade material, prático-sensível. Esta distinção, frisa o autor, é um atributo puramente metodológico para a construção do pensamento sobre o espaço, pois

“As relações sociais são atingidas a partir do sensível; elas não se reduzem a esse mundo sensível e no entanto não flutuam no ar, não fogem na transcendência. Se a realidade social implica formas e relações, se ela não pode ser concebida de maneira homóloga ao objeto isolado, sensível ou técnico, ela não subsiste sem ligações, sem se apegar aos objetos, às coisas.” (LEFEBVRE, 2001).

Milton Santos (1994) afirma que o ponto de partida para a construção analítica do espaço tem que ser a sociedade humana realizando-se. Essa realização acontece sobre uma base material. É no uso do espaço e do tempo que a materialidade vai assumindo as diversas formas. Um jogo de ações que determinam as feições. “Sistemas de objetos” indissociáveis dos “sistemas de ações”. Para o geógrafo é preciso considerar que as ações possuem temporalidades diferentes – tempo hegemônico, da ação dos atores hegemônicos da economia, da política e da cultura; e o tempo não hegemônico, da ação dos atores hegemônizados pelos primeiros – e que a relação destas temporalidades é conflituosa. É na dimensão do “espaço banal” – dimensão do cotidiano – onde se materializam os conflitos, pois nesta dimensão estão reunidos todos os atores sociais e suas diferentes temporalidades.

“Por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não

considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade” (SANTOS, 1994).

O espaço concebido como o entrecruzamento indissociável entre “urbano” e “cidade” (LEFEBVRE, 2001) encontra-se em constante movimento, pois sua (trans)formação é gerada pelo fluxo das relações sociais que se definem a partir do uso do espaço e do tempo. O movimento do espaço, quando oriundo das relações de “ordem distante” – como os grandes projetos de reurbanização de áreas desfuncionalizadas das cidades patrocinados pelo Estado e a iniciativa privada –, é veloz, pois, em pouco tempo, transforma intensamente as relações de “ordem próxima”, que permearam de conteúdo estas formas, descendentes do devir de uma constituição histórica. Este “movimento veloz” suplanta o “movimento lento” oriundo das relações sociais geradas pela vivência cotidiana destes espaços.

É através da constatação da aceleração do mundo contemporâneo que Milton Santos (1994) cunha a categoria “homem lento”. Esta caracteriza o ator social do espaço e da temporalidade cotidiana responsável pelas ações de transformação da materialidade a partir da resistência à racionalidade imposta ao espaço pela temporalidade das ações hegemônicas. A apropriação espacial do homem lento é regida pelo desejo, está sob o domínio da liberdade. Esta categoria se liga diretamente à relação corpo-espaço pela prática urbana no cotidiano. Apesar dela não se limitar a uma questão de classe, seriam, principalmente, os mais pobres que representariam o homem lento, por estarem à margem dos meios de produção da velocidade contemporânea e por, obrigatoriamente, experimentarem de maneira mais direta os espaços urbanos.

A continuação deste texto penetrará no espaço “revitalizado” da Praia de Iracema. Nele, procura-se atingir a dimensão das relações de ordem próxima para apreender o movimento de transformação do espaço gerado pela temporalidade não hegemônica. Dá-se ênfase à transformação do espaço banal, buscando uma análise do processo de “revitalização” a partir das ações desenvolvida em sua base material pelo “homem lento”.

O Movimento Lento do Espaço⁶

A imprensa local, constantemente, noticia o movimento de transformação pelo qual vem passando o espaço do bairro Praia de Iracema. Serão citados, aqui, dois trechos de

matérias jornalísticas, onde nos seus textos, separados por dez anos, a transformação do espaço está explicitada:

“Muitas teorias tentam explicar a decadência da Praia de Iracema, usada e jogada fora pela cidade. Uma das mais endossadas diz que o turismo sexual, que estaria diretamente ligado à chegada das boates, expulsou quem costumava freqüentar o lugar. Há quem diga que o esvaziamento se deu primeiro e que a prostituição apenas ocupou o que Fortaleza deixou de lado. Um dos motivos do abandono seria a construção do Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar ou o setor imobiliário forçando uma desvalorização da área. Hoje, mais importante que descobrir a origem do problema é tentar solucioná-lo” (Jornal O Povo, 11/12/2006).

Exatamente dez anos antes:

“Um bairro de Fortaleza merece destaque especial, tanto pela entrada triunfal na vida noturna da cidade como pela sua forma mágica de inspirar poetas, artistas e boêmios. Suas ruas estreitas, margeadas por bares, servem de passarela para os mais variados tipos. Os sons do local misturam o barulho das ondas quebrando nas rochas com as melodias cantaroladas ao vivo e com a cacofonia de vozes discutindo assuntos dos mais diversos. A descrição só podia ser da Praia de Iracema, onde bares e restaurantes abrigam o mais importante foco cultural, turístico e de lazer da cidade” (Jornal Diário do Nordeste, 13/12/1996).

Os trechos da imprensa local demonstram a rápida transformação urbana pela qual passou o bairro Praia de Iracema nos últimos dez anos. Dois momentos diferentes da estruturação de um bairro onde o poder público local e a iniciativa privada, desde o início da década de 90, investem em sucessivos projetos tidos como de “Revitalização Urbana”. Durante estes anos, os constantes investimentos financeiros não conseguiram sustentar o retorno econômico do bairro (re)criado para ser “o mais importante foco cultural, turístico e de lazer da cidade”. Entretanto, apesar da frustração econômica dos investidores, a ação do “homem lento” continuou a produzir e reproduzir o espaço no cotidiano do bairro, em um constante processo de readaptação às transformações impostas pelos projetos urbanos.

A construção do calçadão na orla marítima, pela Prefeitura, em 1992, inseriu no bairro novos investidores que chegavam para instalar seus espaços comerciais e de serviços. Em poucos anos, a maior parte das famílias que habitava o centro do bairro, região circunvizinha ao novo calçadão, desocuparam suas moradias, as quais foram sendo transformadas em bares, boates e restaurantes⁷. Não só os inquilinos dos imóveis tiveram que deixar suas habitações, pois os proprietários visavam maiores lucros com as novas possibilidades de locação (gentrificação), mas também muitos moradores, proprietários das suas residências, abandonaram o bairro e venderam suas casas por não suportarem o barulho diário ocasionado pelo trânsito nas ruas estreitas e pelos sons dos bares e casas noturnas que ocupavam as suas vizinhanças (SCHRAMM, 2001). Estes conflitos gerados

pelas novas ocupações, apesar de inúmeros protestos da população local⁸, eram facilmente escamoteados pelos interesses privados dos novos atores sociais que traziam para o bairro a frequência dos turistas e das classes abastardas de Fortaleza e assim faziam refletir uma imagem próspera de um bairro revitalizado e reinserido com sucesso no roteiro de circulação da cidade.

Atualmente, quase todas as edificações à beira-mar do bairro, ocupadas pelos bares e restaurantes que movimentaram o calçadão na década passada, encontram-se abandonadas, com algumas de suas construções destruídas e outras fechadas por tapumes. Em espaço abandonado se transformou o ponto focal do primeiro projeto urbano de revitalização da Praia de Iracema. Hoje, com a transferência para outras áreas da cidade do interesse comercial que foi criado nesta área, à Praia de Iracema restou uma frente mar degradada, pois desprovida do valor de uso do seu espaço, atribuído por sua constituição social histórica. Este valor de uso foi suplantado pela exploração do valor de troca do espaço do calçadão estimulada pelos interesses econômicos.

A perda do interesse econômico da área foi acompanhada pela negligência do poder público, que junto com a desocupação dos pontos comerciais, passou a não suprir as necessidades do bairro com relação aos serviços públicos básicos, como segurança, limpeza e iluminação urbana. O depoimento de uma empresária paulistana, que chegou em Fortaleza em 1998 e montou uma loja e uma confecção de roupas na Praia de Iracema, expõe uma ação dos empresários contra a negligência do poder público e a favor do resgate da vitalidade do espaço:

“Em 2001, nós [ela e o irmão, seu sócio] e mais 11 empresários daqui da Praia nos juntamos e criamos o Condomínio Praia de Iracema. Cada um colocou mil reais e passamos a realizar reuniões periodicamente e tomar algumas atitudes contra o descaso das autoridades com a situação de abandono que estava isso daqui. Tentamos conseguir guarda municipal, não conseguimos, tivemos que pagar uns guardiões para ficar circulando no bairro. Tentamos contato com a Marquise [empresa responsável pela coleta de lixo municipal] para eles melhorarem a coleta, que estava acumulando muito lixo (sic), mas nunca melhorou (...) foram muitas solicitações e pedidos feitos à Prefeitura, à Secretaria de Urbanismo, de Cultura, durante dois anos, mas nós cansamos, o descaso só aumentou e eles nos venceram pelo cansaço.”

No extremo oeste do calçadão, encontra-se uma área do seu território que resistiu a todo o processo de abandono e, ainda hoje, encontra-se ocupado. Neste local – continuação da Rua Cariris –, o calçadão se une à Ponte dos Ingleses, um antigo píer do primeiro porto de Fortaleza, que foi revitalizada pelo Governo do Estado do Ceará em 1994⁹. As edificações que ladeiam o calçadão neste ponto são ocupadas pelas famílias que resistiram à gentrificação ocorrida no bairro¹⁰. Estes imóveis funcionam, atualmente, com o uso

misto: os cômodos da frente das casas foram convertidos em pontos comerciais – lanchonete, sorveteria, pizzaria – e as famílias habitam os seus fundos.

A ambiência do espaço do calçadão neste trecho o torna completamente diferente de todo o seu resto. Os ambientes familiares invadem o espaço público com práticas e apropriações que transformam este trecho em verdadeira extensão de seus lares. A relação entre os vizinhos atribui usos ao calçadão, ligados ao afeto e não ao comércio, que desconstroem o ambiente abandonado e degradado presente em todo o resto de sua extensão. A “revitalização” ocorrida neste pequeno trecho do bairro enxertou o seu valor de troca sem eximir o seu valor de uso.

A Ponte dos Ingleses, desde 1994, tornou-se um dos principais pontos turísticos da cidade de Fortaleza. Sua visitação diária por grupos e excursões refletia a reprodu o de sua imagem como cartão postal da cidade, presente em todos os catálogos e sites turísticos. Atualmente, a fama de “bairro degradado” afasta as classes sociais abastardas e os “bons turistas”, que foram freqüentes na Ponte depois de sua reforma. O fortalezense, em sua maioria jovem, de classe média baixa, vindos dos bairros de subúrbios,   o atual público visitante da Ponte. A queda do “status” do público freqüentador insere a Ponte no discurso hegemônico e generalista da “Praia de Iracema degradada”, constantemente reproduzido pela m dia e mantido como consenso entre as classes altas. Enquanto, na realidade, a Ponte dos Ingleses   diariamente ocupada por casais de namorados e grupos de jovens que transformam o seu espaço em um ambiente de intensa sociabilidade e contempla o da natureza.

A reforma da Ponte foi a primeira etapa do projeto do Governo do Estado que culminou com a implanta o do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (GONDIM, 2005). Acompanhando o projeto, já iniciado pela Prefeitura, de transformar a Praia de Iracema em um pólo cultural e de turismo, o Governo construiu este grande equipamento, que deveria se conectar   Ponte e ao calçadão pela transforma o da Rua Almirante Jaceguai e do início da Rua dos Tabajaras – reativando o prédio onde funcionava o DNOCS – em corredores comerciais e de serviços. Segundo um dos arquitetos do Centro Cultural e da Ponte, Fausto Nilo, por motivos políticos, as obras foram encerradas com a inaugura o do Centro Dragão do Mar, ficando esta área do bairro desconectada de sua porão já “revitalizada” pela constru o do calçadão e reforma da Ponte dos Ingleses.

Inserido na área do bairro ocupada pelos remanescentes galpões e sobrados que serviram ao antigo Porto de Fortaleza, a edifica o desconsiderou o valor histórico dessa

área e priorizou a construção de um equipamento que se destaca no tecido urbano pela grandiosidade de sua escala¹¹. Antes do surgimento do Centro Cultural, vários destes galpões, eram ocupados por artistas plásticos, que neles tinham seus ateliês e o habitavam¹². A valorização imobiliária da área ocorrida pós implantação do equipamento e a ausência de incentivos políticos, que protegessem os artistas da especulação imobiliária – já que para o equipamento cultural seria interessante manter a ocupação por ateliês¹³ – ocasionou o que poderia ser chamado de uma “expulsão artística”. Devido a valorização imobiliária, que gerou aumento de impostos e dos aluguéis, quase todos os artistas foram obrigados a abandonar o bairro e os galpões e sobrados foram ocupados por bares, boates e restaurantes, repetindo a ocupação acontecida, alguns anos antes, no entorno do calçadão e da Ponte.

Devido a ocupação atual do entorno do Centro Cultural ser reduzida a bares, restaurantes e casas noturnas, a área não exerce nenhuma atratividade diurna, permanecendo vazia durante todo o dia. Este fato interfere diretamente no funcionamento do equipamento cultural, que transferiu das 10 horas para as 14 horas o horário de abertura dos seus museus e salas de exposições¹⁴.

A rotatividade dos pontos comerciais é intensa nas edificações que circundam o Dragão do Mar. É comum na área, estabelecimentos permanecerem funcionando durante um período de alta estação – entre julho e setembro e entre dezembro e fevereiro – e depois fecharem e transferirem o ponto. O padrão destas ocupações tem mudado significativamente. A priori ocupadas por estabelecimentos requintados e acessíveis a um público de classes sociais elevadas, como restaurantes de culinária estrangeira, *pubs* e boates estruturadas com luxo e sofisticação, atualmente, o que se encontra com mais frequência são os conhecidos “botecos”: estabelecimentos simples em sua maioria com cadeiras e mesas nas calçadas. Algumas das antigas boates se transformaram em casas de forró e pagode e outras em casas de *reggae*, freqüentadas por um público jovem e de classes sociais menos abastardas. Estes novos usos e ocupações do espaço desta área se refletem na ocupação do Centro Cultural. Hoje, é constante nos espaços públicos deste equipamento – praças e jardins – a presença de vendedores ambulantes de bebidas. Porém, estes precisam ser, anteriormente, cadastrados pelo Centro e identificados por um crachá. O que significa uma vitória, pois eles já tiveram suas presenças terminantemente proibidas, sendo vítimas de repressões impostas pela vigilância privada contratada pelo equipamento para o controle do uso dos seus espaços “públicos”.

Devido a diminuição do público de classes abastardas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e o crescente aumento do público menos favorecido economicamente, esta é a área do bairro Praia de Iracema onde se percebe a possibilidade de uma maior sociabilidade entre fortalezenses de classes sociais distintas. Consta-se que a presença dos ambulantes proporciona este contato entre classes, pois estimula a frequência do cidadão que não faz parte do público consumidor dos museus, cinemas e salas de espetáculos e nem, por questões financeiras, dos bares e restaurantes do Centro Cultural.

A área do bairro localizada atrás do calçadão – primeira porção “revitalizada” –, atualmente, é outro espaço da Praia de Iracema com intensa movimentação noturna. A prática da prostituição é o principal atrativo da badalação diária dos bares, das boates e das estreitas ruas que compõem este trecho do bairro. Moças oriundas dos bairros de subúrbio, assim como de cidades do interior do Ceará e de outros estados, povoam as ruas e os estabelecimentos acompanhadas por rapazes estrangeiros, europeus em grande maioria, que ali chegam em busca da prática do sexo.

A ocupação deste espaço é propagada pela mídia¹⁵ e mantida como consenso entre as classes sociais elevadas de Fortaleza como o principal motivo da “decadência da Praia de Iracema”. Os estrangeiros (afamados “gringos”) além de frequentadores são proprietários ou locatários dos pontos comerciais desta área, que, há poucos anos, eram ocupados pelos restaurantes e casas noturnas visitados, com assiduidade, pela alta sociedade de Fortaleza. Vários hotéis, pousadas e restaurantes, que contornam o perímetro ocupado pela prostituição, também pertencem aos estrangeiros.

A prática da prostituição tem transformado o espaço do bairro Praia de Iracema. Consta-se esta alteração, não só pelo *trottoir* noturno das garotas de programa pelas estreitas ruas do bairro, criando ambientes de extrema sensualidade e sedução, mas também pelas transformações físicas ocorridas nas edificações do bairro. Alguns proprietários e antigos moradores da Praia estão reestruturando cômodos de suas casas para locá-los¹⁶. O locatário alvo destas hospedarias são as prostitutas, que migram de seus bairros ou de suas cidades distantes para passar temporadas na Praia de Iracema, pela comodidade e segurança de se hospedarem ao lado de seus ambientes de trabalho. Além da reforma nos lares, existem salas comerciais que foram readaptadas como quartos para hospedá-las, acarretando numa refuncionalização de edifícios.

Devido o fato delas passarem a ser moradoras, mesmo que por temporadas, da Praia, a qualquer hora do dia, é comum encontrar grupos de garotas nas ruas e nos pontos

comerciais do bairro, como mercadinhos, lanchonetes e botequins. Um tipo de comércio que se destaca, pelo bairro apresentar um fluxo cotidiano feminino intenso, é o de estética pessoal. Várias residências transformaram os seus cômodos dianteiros em salões de beleza e clínicas de estética, onde os funcionários, geralmente, são membros da família que ali habitam.

A prostituição atualmente na Praia de Iracema gera um fluxo de renda no bairro responsável pelo sustento financeiro total ou parcial de várias famílias que nele habitam¹⁷. A circulação financeira gerada pela ação da prostituição alimenta, também, o mercado imobiliário. Três torres de *flats* estão sendo erguidas no espaço do bairro. Percebe-se que o cliente estrangeiro é alvo da comercialização destes imóveis pela publicidade, exposta nos *outdoors* e paredes destas construções, que apresentam textos escritos em inglês, espanhol, francês, alemão e português.

Ambígua é a relação existente entre os habitantes da Praia de Iracema e a prostituição nela atuante. Ao mesmo tempo em que esta prática social cria um mercado que gera fluxo de renda no bairro e possibilita melhores condições de vida aos seus moradores, ela denigre a imagem da Praia para toda a cidade e embute no discurso do próprio morador a reprodução da imagem de degradado. Vale ressaltar, que a ação da prostituição se faz presente no bairro desde sua origem, quando ali funcionou o primeiro Porto da cidade, zona tradicional de ocupação pelo meretrício (SCHRAMM, 2001; GONDIM, 2005; SOUSA, 2006). Constata-se que, não é a presença, mas sim a supremacia da ocupação de uma área do bairro por bares e boates que servem à prostituição, o principal incômodo do habitante com esta prática ali localizada. A restrição da diversidade do público frequentador desta área preenche de nostalgia o discurso dos atores sociais que, ainda hoje, praticam a construção cotidiana do bairro. A sobreposição conflituosa das ações sociais produz e reproduz a realidade tangível (materialidade) e intangível (discurso) da Praia de Iracema.

Por uma Experiência Espacial

O espaço da Praia de Iracema percebido no seu cotidiano e encarado como fruto das ações sociais, que o condicionam e simultaneamente o utilizam como base material para suas realizações, expõe a presunção das ações hegemônicas ditas de “Revitalização” que, priorizando a valorização econômica do espaço para a atração de turistas, menosprezam a construção deste espaço como obra da vida que nele se desenvolve.

Apesar da Prefeitura de Fortaleza e do Governo do Estado do Ceará já terem investidos vultosa quantidade de dinheiro público em projetos de reestruturação urbana com objetivos econômicos nunca alcançados, para o espaço da Praia de Iracema já se encontra projetado um outro mega equipamento, que deve estruturar a capital cearense para receber grandes feiras e convenções, atraindo assim um novo tipo de turista para a cidade: o turista de negócios. O projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras propõe significativas intervenções no espaço do bairro (remoção de favela, aterramento de área do mar, reestruturação viária)¹⁸, reproduzindo o discurso da necessidade de revitalização de toda a área central de Fortaleza a partir de um pólo captador de investimentos financeiros privados que estimule a atratividade turística. A vida construtora deste espaço no seu cotidiano se torna, mais uma vez, coadjuvante de uma ação, onde os atores principais, visando o lucro, menosprezam a sua participação.

“Temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias sócio-econômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder ‘se urbaniza’, mas a cidade se ver entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico.” (DE CERTEAU, 1994).

Segundo De Certeau (1994), para projetar a cidade é preciso conhecer e articular a “própria pluralidade do real”, tendo consciência que a totalidade das “táticas astuciosas” da vida urbana não apresentam uma transparência racional. No caso dos projetos desenvolvidos para a Praia de Iracema constata-se que esta “pluralidade do real”, que nos fala De Certeau, tem sido desconsiderada pelos seus projetistas, que reproduzem nas intervenções o interesse econômico como determinante infra-estrutural. A pluralidade das ações, que compõem a vida urbana no cotidiano do bairro, é reduzida às análises simplistas e superficiais, resultando toda a construção cotidiana do urbano submetida ao objetivo principal do desenvolvimento econômico. A despeito deste objetivo as ações sociais se apropriam das intervenções em um conflituoso processo de produção e reprodução do espaço. “As ações revivificam as coisas e as transformam” (SANTOS, 1994).

Através da vivência do espaço da Praia de Iracema, experimentando-o, é possível perceber como são desconectados da “pluralidade do real” os projetos ditos de “revitalização urbana” desenvolvidos para o seu espaço. Priorizada a reprodução de modelos de intervenções implantados em várias cidades do mundo¹⁹ e transformados em imagens que representam o sucesso da atratividade de investidores financeiros e de turistas internacionais (SÁNCHEZ, 2003), as intervenções projetadas para o bairro em questão

ignoraram a estruturação singular do seu espaço urbano por sua construção cotidiana. Desta maneira, o espaço da Praia de Iracema vem sendo concebido como um conjunto de formas espaciais, livremente manipuláveis, como se fossem desprovidas de conteúdo.

Os manifestos críticos da Internacional Situacionista pregam, como método adequado para a apreensão da multiplicidade de ações que compõem o espaço urbano, a necessidade da experiência sensorial do corpo no espaço, através da prática da deriva urbana (JACQUES, 2003). Segundo Milton Santos (1999), é na relação do corpo com o espaço na dimensão do cotidiano onde é possível apreender o “acontecer solidário” que possibilita a compreensão do espaço como um mosaico de relações sociais permeado por afetividade.

O movimento lento do espaço do bairro Praia de Iracema percebido pela experiência de vivenciá-lo demonstra a extrema vitalidade deste espaço. Esta vitalidade tem sido, constantemente, escamoteada pelos projetos urbanos que visam “revitalizar” sua área. O fracasso dos objetivos econômicos da planejada “revitalização”, desde o início da década de 90, não cessa de se repetir, cabendo ao cidadão construtor da vida cotidiana deste espaço a luta pela permanência no lugar em um constante processo de reapropriação de um espaço planejado para outros atores sociais, vindos de longe, trazendo o “lucro”, porém desprovidos de afeto pelo espaço, que é o combustível dos que lutam para ali permanecer.

Notas

¹ Internacional Situacionista: grupo de artistas, pensadores e ativistas que, no final da década de 50, se reuniram e fizeram parte dos movimentos de contracultura, dentre eles a manifestação estudantil de maio de 1968, em Paris, que teve os situacionistas como base teórica do movimento. O principal interesse dos situacionistas era lutar contra a alienação e passividade da sociedade em todos os campos da vida social regida pela dominação capitalista. O meio urbano teve significativa importância nos escritos situacionistas por eles considerarem o urbano como terreno propício para a ação e intervenção contra a monotonia da vida cotidiana moderna (JACQUES, 2003).

² O Bairro Praia de Iracema se localiza no litoral do centro urbano da cidade de Fortaleza, numa área onde se localiza a foz do Riacho Pajeú. Foi nas margens deste riacho onde surgiram as primeiras ocupações da capital cearense.

³ A criação de uma imagem que sirva de marca da cidade no mercado global, segundo os discursos hegemônicos, seria fruto da identidade do lugar onde a cultura local ocuparia posição central na estratégia de revitalização. Entretanto, o que se constata é a reprodução de espaços urbanos cada vez mais padronizados e homogêneos em diferentes partes do mundo, decorrentes da necessidade de reprodução de modelos de intervenções urbanas que tenham atingido o sucesso econômico pela atração do mercado turístico internacional. Ver (JACQUES, 2004; VAZ e JACQUES, 2001; SÁNCHEZ, 2003)

⁴ A questão da não-participação do cidadão nos processos de transformação do espaço urbano, já era, no início dos anos 60, a principal crítica da Internacional Situacionista ao urbanismo modernista. Apesar das atuais operações de reestruturação urbana não terem como base os pressupostos teóricos e nem reproduzirem

esteticamente os conceitos da arquitetura e do urbanismo do Movimento Moderno, constata-se que a crítica situacionista à espetacularização do espaço urbano continua plenamente cabível aos projetos de revitalização urbana contemporâneos.

⁵ A construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – que ocupa quatro quadras do espaço do bairro Praia de Iracema, com um projeto de mais de 13.000m² de área construída, onde existem museus, salas de cinemas, teatro, anfiteatro, planetário, auditórios para convenções etc – vai ao encontro da afirmação de Jacques, que diz: “As maiores vedetes [dos processos de revitalizações urbanas contemporâneas] são os grandes equipamentos culturais, franquias de museus e suas arquiteturas monumentais – cada vez mais espetaculares e visados pela indústria do turismo – que passam a ser a principal âncora de megaprojetos urbanos” (JACQUES, 2004)

⁶ O texto deste item se construiu a partir de reflexões decorrentes de uma experiência do autor no espaço do bairro Praia de Iracema. Esta experiência se desenvolveu, entre os meses de julho e agosto de 2006, pela vivência cotidiana do autor, enquanto morador do espaço do bairro. São considerações sobre um espaço percebido pela prática da “deriva urbana” (no sentido dado pela Internacional Situacionista) como um meio de conhecimento do espaço construído através do “andar sem rumo”, buscando nesta ação consciente uma análise experimental das diversas “ambiências urbanas” do espaço da Praia de Iracema (JACQUES, 2003). Meios teóricos de captação de conhecimentos sobre o bairro foram buscados pelo autor em leitura, antecipada à experiência, de estudos acadêmicos já desenvolvidos sobre a Praia de Iracema.

⁷ Em 1992, foi aprovado um novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para Fortaleza, que instituiu a “Zona Especial - Área de Interesse Urbanístico Praia de Iracema”. Neste Plano, uma nova legislação urbana, homologada em 1995, viria a consolidar as transformações por que passava o bairro. A “Zona Especial” foi dividida em 3 setores. O setor 2, relativo à área circunvizinha ao calçadão, foi considerado área de preservação. Porém, esta lei que ressalva a preservação só se refere, e ainda de maneira superficial, às características físicas do ambiente, não restringindo nenhum tipo de uso e ocupação da área referida. (SCHRAMM, 2001).

⁸ Artistas plásticos e músicos moradores do bairro tiveram importante participação nestes protestos, organizando passeatas, pinturas de murais com desenhos e frases de protestos e eventos musicais recheados de discursos em busca de visibilidade para os problemas que vinham assolando o espaço do cotidiano do novo “cartão postal” da cidade.

⁹ No projeto de revitalização, a Ponte recebeu reforço na sua estrutura, foi substituído o concreto do piso por madeira e ao longo dos 130m de sua extensão foram construídos quiosques, onde funcionam lanchonetes e lojas de artesanatos, além de um platô que funciona como um mirante para a contemplação do pôr-do-sol.

¹⁰ “Moro aqui desde que nasci. Nestas casas daqui todos os moradores são os mesmos de sempre. A única casa que mudou foi a da esquina, que era de uma senhora que morava sozinha. Ela vendeu a casa dela pro dono do Pirata Bar e foi morar lá no Papicu [outro bairro da cidade], ali atrás do Bompreço. Tu sabe aonde é? Não durou 3 anos e morreu doente e sozinha. Deus me livre de sair daqui da beira desta praia. Amo o mar e quero morrer aqui” Depoimento, concebido ao autor em 09/08/2006, de uma moradora de uma das casas que ladeiam o calçadão no acesso à Ponte dos Ingleses.

¹¹ “Na visão do urbanismo contemporâneo, uma nova edificação deve ser implantada no tecido urbano como parte integrante desse sistema e não como algo exterior e desarticulado com as condições físicas preexistentes. Esse princípio de contextualidade não significa necessariamente que o novo edifício se ‘harmonize’ com o conjunto por assemelhamento e sim que a sua relação com os demais seja tal que resulte numa nova unidade significativa e funcionalmente ativa. É dessa maneira que o novo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura se projetou na zona urbana do antigo Porto de Fortaleza.” Trecho extraído da Síntese do Memorial Justificativo do Projeto do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura publicado no Relatório Técnico Justificativo da Inserção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura no PRODETUR / CE – 1996.

¹² “Na época em que o Ciro [Ciro Gomes, então Governador do Estado] estava pensando em transformar essa área aqui em um pólo cultural, nós fizemos uma reunião no meu ateliê com ele, o Paulo Linhares [então Secretário de Cultura] e vários outros artistas que tinham ateliês por aqui e dissemos que a nossa idéia era transformar estes galpões em lugares de produção artística, misturado com bares e cabarés, que por aqui já existiam, como o *Bessame Mucho* e o Coração Materno. Transformar isto daqui num burburinho como o *Marais* de Paris. Mas, eles preferiram concentrar tudo nesse ‘elefante branco’, então, agora, vamos se apropriar dele”. Depoimento, concebido ao autor em 27/09/2006, de um artista plástico que permanece com seu ateliê no bairro.

¹³ No Memorial Justificativo do Projeto Arquitetônico do Centro Cultural existe um programa complementar que apresenta diretrizes para a transformação de uma quadra de sobrados da área no Quarteirão dos Artistas. Um dos itens destas diretrizes tem como título: Requalificação Ambiental Urbana sem Especulação, este diz: “A grande preocupação decorrente dos efeitos urbanos de implantação do Centro Cultural na zona urbana em questão é que, junto ao resultado positivo da intervenção contextual, temos a perspectiva ameaça de supervalorização dos aluguéis e dos preços de venda dos sobrados e a conseqüente expulsão dos artistas locais que hoje ocupam parte desse espaço de maneira espontânea. Se esse fato se confirma, pode ocorrer a não implantação conveniente do programa complementar esperado, bem como a definitiva requalificação ambiental urbana da zona. Nesse ponto torna-se essencial a intervenção do Estado no sentido de recolocar esses imóveis disponíveis para o uso, através da aquisição prévia, por desapropriação, seguida de restauração e posterior ocupação por meio do sistema de concessões e a preço de mercado, evitando definitivamente, o processo especulatório e garantindo o êxito da ação física contextual esperada.” Síntese do Memorial Justificativo do Projeto do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura publicado no Relatório Técnico Justificativo da Inserção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura no PRODETUR / CE – 1996.

¹⁴ “Não fazia mais sentido os museus abrirem pela manhã, com funcionários trabalhando, um alto consumo de energia, para entrar um ou dois visitantes, quando muito. Abrimos, agora, as duas da tarde, que é quando os cinemas começam a funcionar e isto aqui começa a acontecer”. Depoimento, concebido ao autor em 08/08/2006, de um funcionário da direção do Centro Cultural.

¹⁵ A Rede Globo de televisão, na semana do dia 06 ao dia 10 de março de 2006, realizou uma série de reportagens, no Jornal da Globo, que tinham como tema o turismo sexual em duas capitais brasileiras: Fortaleza e Natal. Um repórter locado na Praia de Iracema em Fortaleza e outro na Praia de Ponta Negra em Natal discorreram sobre a força deste tipo de turismo nestas duas capitais. Sobre a Praia de Iracema foi dito: “Alguns lugares dão a noção exata da força do turismo sexual. A Praia de Iracema, em Fortaleza, é um deles. São dezenas de casas noturnas dedicadas ao encontro de turistas e garotas de programa. Só num cruzamento viário são seis. A única esquina sem uma casa noturna é onde funciona a delegacia do turista, mas ela fica fechada à noite, exatamente quando tudo acontece.” (<http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20060308-154489,00.html>)

¹⁶ “Transformei minha casa em oito quartos e aluguei a casa do lado para eu morar (...) graças a Deus, agora, estão todos ocupados. Ao todo tem oito meninas, duas dividem o mesmo quarto, e um travesti”. Depoimento, concebido ao autor em 26/08/2006, de um morador do bairro.

¹⁷ “Se um dia acabarem com a prostituição da Praia de Iracema não sei como é que eu vou viver. 80% de minhas clientes são elas. As mulheres do bairro só ajeitam os cabelos em dia de aniversário e noite de natal (...) Já ontem, coloquei um *mega-hair* numa delas, aqui, que (sic) ela me pagou mil e duzentos reais, em *cash*, na mão. Quando é que alguém daqui vai fazer isso?”. Depoimento, concebido ao autor em 14/08/2006, de um cabeleireiro do bairro.

¹⁸ O projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras foi desenvolvido por um consócio que reuniu 14 escritórios de arquitetura de Fortaleza. Ao ser publicado, em 2002, este projeto foi alvo de intensas críticas de órgãos como o IBAMA, IPHAN e IAB. Recentemente, foi aberta uma outra licitação pública pelo Governo do Estado e outro projeto para o Centro Multifuncional foi escolhido. Os arquitetos responsáveis pela primeira proposta recorreram à Justiça para que esta seja executada.

¹⁹ A inspiração em modelos internacionais de intervenções está explícita no Relatório Urbanismo presente nos documentos do Projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras que enfatiza, como processo metodológico dos arquitetos e engenheiros responsáveis pelos projetos, visitas realizadas a 14 cidades européias e americanas onde foram implantados centros de eventos. Além disso, para justificar a localização do Centro Multifuncional em Fortaleza, o Relatório Urbanismo usa como referência 3 cidades que desenvolveram intervenções semelhantes: Seattle, Nice e Munich.

Bibliografia

ARANTES, O. VAINER, C. MARICATO, E. A cidade do Pensamento Único. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CARLOS, Ana Fani A. O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 1994.

COSTA, Sabrina. Intervenções na Cidade Existente: um estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2003.

DUARTE, Cristóvão F. Circulação e Cidade: do Movimento da Forma à Forma do Movimento. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2002.

GONDIM, Linda. O Dragão do Mar e a Fortaleza (Pós-)Moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade. Fortaleza. Relatório de pesquisa, 2005.

HALL, Peter. Cidades do Amanhã. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

HARVEY, David. Condição Pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JACQUES, Paola (org.) Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri P. JACQUES, Paola B (org). Corpos e Cenários Urbanos: Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Salvador: EDUFBA, PPGAU/FAUFBA, 2006.

_____. Espetacularização Urbana Contemporânea. In: FERNANDES, Ana. JACQUES, Paola (org.) Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU / FAU- UFBA. Salvador, 2004.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. O Direto a Cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

ROCHA JR, Antônio. O Turismo Globalizado e a Transformação Urbana do Litoral de Fortaleza. Dissertação de Mestrado. Desenvolvimento e meio ambiente – UFC. Fortaleza, 2000.

SÁNCHEZ, Fernanda. A Reinvenção das Cidades para um Mercado Mundial. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Espaço e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O Território e o Saber Local: Algumas Categorias de Análise. In: Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, nº2, 1999.

_____. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

SCHRAMM, Solange. Território Livre de Iracema: Só o Nome Ficou? memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema. Dissertação de mestrado. PPG sociologia – UFC. Fortaleza, 2001.

SOUSA, Vancarder. A Cidade e a Favela: O Poço da Draga e a Requalificação Urbana em Fortaleza. Tese de Doutorado. Sociologia – UFPB. João Pessoa, 2006.

VAZ, Lílian. A “Culturalização” do Planejamento e da Cidade: novos modelos? In: FERNANDES, Ana. JACQUES, Paola (org.) Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU / FAU- UFBA. Salvador, 2004.

VAZ, Lílian F. JACQUES, Paola B. Reflexões Sobre o Uso da Cultura nos Processos de Revitalização Urbana. Em: Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.